



O ENSINO DE INGLÊS A DUAS CRIANÇAS DISLÉXICAS: UMA ABORDAGEM INCLUSIVA EM UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO

Jéssica Maria dos Santos Cavalcanti Beserra ¹
Tatiana de Andrade Barbarini ²

RESUMO

Sabendo que no processo de aprendizagem da língua inglesa, em contexto escolar, os docentes desempenham um papel de grande importância, sendo os melhores recursos dentro da sala de aula, a intenção da pesquisa foi perceber as dificuldades dos alunos e aplicar métodos e estratégias de intervenção que auxiliassem as crianças no aprendizado da língua, sobretudo aquelas que apresentam dificuldades de leitura e escrita em decorrência da dislexia. Levando em consideração o ensino-aprendizagem de inglês como um espaço de construção social no qual a mediação assumiu papel central, este artigo apresenta um estudo de caso com duas crianças disléxicas que frequentavam as aulas de língua inglesa em um curso de idiomas, vivenciando uma sequência didática. Nos resultados obtidos foi constatado que a sequência didática propiciou o engajamento parcial dos alunos nas aulas de língua inglesa, revelando suas potencialidades.

Palavras-chave: Dislexia. Língua Inglesa. Mediação.

INTRODUÇÃO

Na dislexia uma grande multiplicidade de características implícitas começam por se manifestar na aprendizagem da leitura e da escrita e se intensificam em função das exigências escolares. No entanto, apesar de várias áreas serem afetadas, as que dependem diretamente da linguagem e aquelas que têm no seu cerne a aprendizagem da linguagem, como é o caso das línguas estrangeiras, são as mais afetadas. Isso se torna mais evidente no caso de crianças que apresentam dificuldades em decorrência da dislexia, pois, de acordo com a Associação Brasileira de Dislexia (ABD, 2016), os disléxicos possuem dificuldade na aquisição e automação da leitura e da escrita.

Sendo assim, aprender uma língua estrangeira desafia os alunos disléxicos, uma vez que exige as aptidões que habitualmente estão comprometidas naqueles alunos: a capacidade de

¹ Especialista do Curso de Metodologia em Ensino Bilíngue da Universidade UNIOPET - PR, jessicayellowumbrella@gmail.com;

² Professor orientador: Pós-doutoranda, Universidade Federal de São Paulo - SP, tati.barbarini@gmail.com.



sequenciação, os conhecimentos fonológicos e a memória a curto e a longo prazo. A ABD (2016) lista alguns sinais da dislexia em idade escolar, ressaltando que não é necessária a incidência de todos os sintomas para caracterizar o distúrbio, independente da fase. São eles: dificuldade na aquisição e automação da leitura e da escrita; desatenção e dispersão; dificuldade em copiar de livros e da lousa; dificuldade na coordenação motora fina (letras, desenhos, pinturas etc.) e/ou grossa (ginástica, dança etc.); confusão para nomear entre esquerda e direita; dificuldade em manusear mapas, dicionários, listas telefônicas etc.; vocabulário pobre, com sentenças curtas e imaturas ou longas e vagas.

A descrição dessas dificuldades pode servir para que o professor aja como mediador no processo de ensino-aprendizagem, o que definiria a necessidade de o ensino dialogar com atividades lúdicas e formais, com o intuitivo, o sensorial, os aspectos social e afetivo dos alunos, para tornar o aprendizado mais significativo e prazeroso. Ademais, tais dificuldades colocam para os professores o desafio de elaborar práticas em que predominem a atividade investigativa, a criação, a descoberta e a coautoria do conhecimento com seu grupo de alunos. Portanto, necessita-se que a pedagogia seja ativa, dialógica e interativa, rompendo com as práticas pedagógicas homogêneas e os rituais padronizados.

Diante desse cenário pedagógico desafiador, o presente artigo apresenta os resultados e reflexões provenientes de um estudo de caso realizado com duas crianças em um curso de idiomas, ambas com laudo de dislexia.

Nessa proposta foi possível fazer o acompanhamento de um menino de 12 anos e de uma menina de 11 anos, alunos de um curso de idiomas na cidade de Garanhuns, Pernambuco. Privilegiou-se o método da pesquisa-intervenção, sendo que as intervenções aconteceram no período entre abril e junho de 2019. Com o desenvolver das aulas foi possível verificar como os discentes aprendem melhor se aplicadas atividades que facilitam o processo de ensino-aprendizagem por levarem em conta os interesses e gostos dos alunos.

Ao falarmos de aprendizagem, supõe-se que o desenvolvimento de uma segunda língua, neste caso o inglês, auxilia no desenvolvimento da linguagem da criança com algum transtorno de aprendizagem, tal como a dislexia. No entanto, é preciso perguntar: disléxicos aprendem melhor quando se movimentam? Quando falam sobre si? Quando desenham e criam? Qual meio de intervenção pode ser utilizado para que o disléxico aprenda melhor?

Cada disléxico tem suas características, sua história e suas habilidades, que representam desafios pedagógicos particulares para o educador. A afetividade é um desses desafios. O educador que trabalha afetivamente com um aluno disléxico consegue atuar melhor quando discute com o aluno formas de planejar, registrar e avaliar o estudo, tanto em seu conteúdo



quanto em sua forma. Isso coloca para o educador um segundo desafio: o seu papel de mediador.

Portanto, tendo como foco principal de pesquisa o ensino-aprendizagem da Língua Inglesa (L1) a discentes com diagnóstico de dislexia, importa considerar o papel do professor enquanto mediador, partindo do pressuposto de que um aluno que apresenta determinadas dificuldades com a linguagem escrita necessita de instrumentos mediadores que possam auxiliá-lo a ultrapassar os obstáculos impostos pelo processo de construção da linguagem escrita (DOLZ; GAGNON; DECÂNDIO, 2010.)

Assim, qual o papel do professor nesse processo? Como o professor deve trabalhar de forma que as aulas sejam planejadas, refletidas e sistematizadas a fim de auxiliar o aluno no aprendizado de uma segunda língua e fazê-lo aprender de uma forma que respeite as suas necessidades?

Ter conhecimentos sobre dislexia é um ponto de partida, pois permite ao professor de inglês adequar as estratégias pedagógicas que facilitem a aprendizagem da língua inglesa pelo aluno disléxico. Outro fator de importância é a experiência docente. Ter mais experiência profissional permite ao professor de inglês conhecer melhor a dislexia e aplicar as estratégias de intervenção mais adequadas. Sendo assim, acredita-se que as estratégias utilizadas pelo professor seriam facilitadoras do processo de ensino-aprendizagem da língua, tornando o ensino mais efetivo, voltado para as habilidades dos alunos, uma vez que entende como o aluno aprende melhor e foca as aulas em meios de intervenção adequados para os discentes.

Este é, portanto, o objetivo deste artigo: refletir sobre a forma como o docente desempenha o papel de mediador entre discente e língua, agindo como recurso em sala de aula, bem como sobre os métodos e estratégias de intervenção se aplicam ao ensino da língua inglesa para crianças dislexias.

METODOLOGIA

O trabalho realizado teve como base a metodologia qualitativa, que consiste em um método de investigação científica que se foca no caráter subjetivo do objeto analisado. Os estudos de pesquisa qualitativa diferem entre si quanto ao método, à forma e aos objetivos. Godoy (1995, p. 62) ressalta a diversidade existente entre os trabalhos qualitativos e enumera um conjunto de características acerca desse tipo de estudo, como: a) o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; b) o caráter descritivo; c)



o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador; d) o enfoque indutivo. Em sua maioria, os estudos qualitativos são realizados no local da origem dos dados. Pelo exposto, pensou-se ser esta a melhor forma de conduzir a pesquisa.

Mais especificamente, foi realizado um estudo de caso com duas crianças de 12 anos e 11 anos de idade, alunos de um curso de idiomas na cidade de Garanhuns, Pernambuco. O curso conta com alunos da faixa etária dos 3 aos 12 anos em seu espaço Kids. Privilegiou-se o método da pesquisa-intervenção, sendo que as intervenções aconteceram no período entre abril e junho de 2019.

As crianças foram escolhidas para a pesquisa por apresentarem desmotivação nas aulas regulares do curso. A gestão da escola, então, autorizou a pesquisa-intervenção com os educandos a fim de que as aulas fossem mais dinâmicas e que resultassem em um melhor desempenho e motivação por parte das crianças. As aulas aconteciam uma vez por semana, com duas horas de duração. Os acompanhamentos iniciaram no mês de abril de 2019, tendo sua finalização no dia 18 de junho do mesmo ano, totalizando um total de 12 dias de aulas. Os dados foram coletados através de documentação pedagógica: fotos, vídeos, anotações, observações, atividades coletadas e no diálogo com as crianças. Todo o processo foi autorizado pelos pais e pela instituição de ensino, tendo sido acompanhado pela direção pedagógica.

As aulas propostas como parte da pesquisa-intervenção foram baseadas nos interesses dos alunos, se utilizando em sua maioria do método fônico para preparação e ministração das aulas. Como recurso didático foi utilizado o livro *Spectrum Word Study and Phonics – grade 3*, massinha de modelar para escrita das palavras, letras móveis, tinta, computador, quadro branco e *flashcards* com vocabulário, podendo conter imagem ou escrita.

REFERENCIAL TEÓRICO

EDUCAÇÃO BILÍNGUE NO BRASIL

Aspectos relevantes ao processo de ensino-aprendizagem na educação bilíngue e contribuições dos estilos de aprendizagem na efetivação desse processo

Atualmente, a importância de se conhecer outro idioma não está limitada ao mercado de trabalho, mas a diversas áreas da vida. Este cenário tem levado os indivíduos a buscarem maiores conhecimentos sobre outros idiomas e muitos pais passaram a optar por escolas bilíngues. Atualmente, não existe uma regulamentação específica para a definição de uma



escola bilíngue. Mas, de modo geral, a proposta pedagógica dessas escolas é o uso da segunda língua para o ensino dos conteúdos das diversas disciplinas do currículo estabelecido pelo Ministério da Educação (MEC). Os conteúdos curriculares são trabalhados de modo integrado com outras disciplinas possibilitando que o aluno adquira uma segunda língua.

O uso de duas línguas favorece a aprendizagem e estabelece sistemas de tradução automática no cérebro dos aprendentes. A educação bilíngue apresenta também vantagens por utilizar a primeira e a segunda língua como dispositivos das instruções de sala de aula. A educação bilíngue está relacionada a uma política de uso da primeira língua e da língua-alvo como meio de instrução em sala de aula de alguns conteúdos, que incluem Ciências Naturais, Ciências Sociais, Ciências Exatas e Ciências Humanas. Deve ser considerada um programa devidamente organizado que fornece ao aluno: ensino de conteúdos curriculares na primeira língua, sem tradução, de modo que a instrução do conteúdo na segunda língua seja facilmente compreensível; o desenvolvimento da alfabetização na primeira língua; o domínio da segunda língua. Não se trata apenas de identificar ou traduzir palavras em um segundo idioma, mas sim, da habilidade de se comunicar e realizar atividades cotidianas a partir do domínio do segundo idioma.

A aprendizagem é descrita por Wode (1998) como um processo de interação entre o meio ambiente, as estruturas mentais e as experiências vivenciadas pelo indivíduo. Esse conceito é baseado na teoria de aprendizagem de Vygotsky. A segunda língua pode ser aprendida a partir da vivência e do contato social do indivíduo com os falantes nativos do idioma, ou ainda, por meio do ensino formal, como ocorre nas escolas bilíngues.

Vantagens da aprendizagem bilíngue na infância

Falar duas línguas pode ter efeito profundo no modo como pensamos. O aprimoramento cognitivo é apenas o primeiro passo. Memórias, valores, até personalidade, podem mudar, dependendo da língua em que estou falando. É como se o cérebro bilíngue abrigasse duas mentes diferentes e independentes.

A neurocientista norte-americana Laura Ann Petitto descobriu uma diferença fundamental entre bebês que crescem ouvindo uma ou duas línguas (LANGE, 2018). As crianças bilíngues, de acordo com esse estudo, mostram um aumento de atividades neurológicas quando ouvem línguas totalmente desconhecidas ao final do primeiro ano de vida. A experiência bilíngue desde a primeira infância ajuda as crianças a aprenderem outros idiomas pelo resto da vida.



Outra vantagem do cérebro bilíngue foi descoberta em 2003, por Ellen Bialystok, psicóloga (LANGE, 2018). Ela defende que o cérebro bilíngue passa por melhorias no “sistema executivo” no cérebro, um conjunto de habilidades mentais que dá capacidade de bloquear informações irrelevantes. Essa característica auxilia a passar de uma tarefa para outra sem ficar confuso no processo.

O sistema executivo é fundamental para praticamente tudo que fazemos, da leitura à matemática. Logo, quando melhoramos o sistema executivo resultamos em maior flexibilidade mental.

Susan Ervin-Tripp (LANGE, 2018) estudou sobre o fortalecimento do cérebro, e, em sua pesquisa, ela comprova que falar um segundo idioma pode ter impacto profundo sobre o comportamento. Seus estudos mostraram que os bilíngues utilizam dois canais mentais, um para cada idioma, como duas mentes diferentes. Os bilíngues também tendem a ter lembranças diferentes em cada língua.

O QUE É DISLEXIA?

De acordo com o *International Dyslexia Association* (IDA, 2002), a dislexia é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas.

Estudos mostram que o aprendizado da leitura depende das habilidades de ouvir e entender a fala, enxergar e perceber os símbolos escritos. A dislexia apresenta-se como uma dificuldade desproporcional de aprendizagem da leitura que não pode ser explicada nem por um atraso mental, nem por um déficit sensorial, nem por um ambiente social ou familiar desfavorecido. Uma consequência importante desta definição é que nem todos os maus leitores são disléxicos. Fatores como más condições de educação ou simplesmente a complexidade das regras de ortografia podem explicar porque muitas crianças experimentam dificuldades para aprender a ler, segundo Dehaene (2012).

Relação entre Dislexia e problemas relacionados com a linguagem



Existem inúmeras definições para o termo “língua”, construídas pelos mais diversos pontos de vista. Para Rotta e Pedrosa (2006, p. 152) entendem que “língua é a forma peculiar que o homem tem de se comunicar com seus semelhantes por meio de símbolos gestuais, orais ou escritos”. Piaget (1962) defende que a língua é a função mais especializada e diferenciada de uma função complexa. De forma semelhante, Vygotsky (VYGOTSKY; LURIA; LEONTIEV, 1998) complementa que língua é o mais elaborado sistema de signos presente na cultura humana.

Apesar de existirem várias definições adequadas para língua, pode-se dizer que o assunto não é preocupação exclusiva dos linguistas, sendo esse um assunto frequentemente abordado por neurologistas, fonoaudiólogos, pedagogos, psicólogos, e outros, tratando assim de um assunto multidisciplinar.

Fala e língua são objetos diferentes. A fala se refere basicamente à forma de articular sons nas palavras. A língua significa expressar e receber informações de modo significativo. É compreender e ser compreendido por meio da comunicação. Uma criança com problemas de língua pode estar apta a pronunciar bem as palavras, mas ser incapaz de colocar mais de duas palavras juntas. Inversamente, a fala de uma outra criança pode ser difícil de ser compreendida, mas ela usa palavras e frases para expressar suas ideias.

Problemas com fala e língua diferem, mas frequentemente coincidem. A fala é uma característica intrínseca do ser humano, faz parte de nossa herança biológica e nos diferencia de outras espécies. Independentemente da comunidade, ou de quão isolada ela se encontra, é natural que se desenvolva língua oral pelos membros que a compõe, apenas por conviver com outros falantes, sem a necessidade de um ensino formal.

A dislexia, de maneira geral, não afeta a capacidade de um indivíduo em adquirir a língua oral. O disléxico possui toda a cognição preservada para o desenvolvimento da oralidade.

A facilidade e a fluidez da língua relacionam-se com o porquê de a leitura ser algo tão difícil para as crianças disléxicas. Embora tanto a fala quanto a leitura dependam da mesma partícula, o fonema, há uma diferença fundamental: falar é natural, ler não é. Ler é algo que se aprende, uma invenção do homem que se desenvolve em nível consciente. Embora a leitura também dependa do código fonológico, a chave para desvendá-la não se encontra prontamente disponível, e só pode ser alcançada por meio do esforço do leitor aprendiz.



A primeira descoberta que uma criança faz quando está aprendendo a ler é que as palavras escritas são compostas por partes e podem ser divididas em pedaços menores de som, com isso, a criança adquire a consciência fonêmica. A partir do momento em que a criança se conscientiza da natureza segmentada da linguagem verbal, ela necessita reconhecer as letras, atribuir a elas um som e juntá-las para formar uma palavra.

A maioria das crianças aprende a transformar símbolos impressos em código fonético sem muita dificuldade. Para as demais, contudo, os símbolos escritos permanecem um mistério, o que caracteriza a dislexia. No caso dos disléxicos, há deficiência em uma, duas ou até mesmo nas três áreas cerebrais, dependendo do grau de dislexia em questão. Essas deficiências fazem com que o cérebro improvise novos setores para compensar o problema, porém, os setores criados não são automáticos como os de uma pessoa sem dislexia. Por não serem automáticos, a rota de leitura se torna maior, mais lenta e mais cansativa para o disléxico, justificando assim sua grande dificuldade perante o simples ato de ler.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da coleta de dados foi possível conhecer melhor os alunos e preparar as aulas de acordo com o perfil de cada um. A pesquisa-intervenção caracterizou-se pela interferência da educadora-pesquisadora sobre o processo de desenvolvimento ou aprendizagem dos sujeitos em questão, os quais apresentavam problemas de aprendizagem.

No primeiro encontro com as crianças foi feita uma sondagem a fim de conhecer melhor as preferências dos alunos para preparar as aulas de acordo com os interesses e gostos de cada um. Os alunos preencheram uma ficha descritiva (*Who are you?*) colocando preferências como: cor favorita, matéria escolar favorita, habilidades, coisas que gostam ou não gostam, entre outros temas voltados para os gostos e interesses pessoais de cada um.

Depois dessa primeira atividade os alunos fizeram um desenho demonstrando uma experiência boa e uma experiência ruim, não necessariamente que envolvesse a língua, e em seguida narraram o que haviam colocado no desenho. O intuito do desenho era que as crianças se expressassem de outras formas diferentes da oral, para assim utilizar mais de uma linguagem. A aluna de 11 anos relatou que gostava de desenhos e pintura e que a experiência foi gratificante, pois ela pôde utilizar suas habilidades em desenho para se comunicar.



Nas aulas seguintes, foram utilizados jogos online extraídos do site www.legastherine-softwaree.de, sendo eles fixados no quadro branco para que as crianças pudessem praticar a escrita. Também foram usadas letras móveis e atividades sensoriais para desenvolver a escrita, como por exemplo massinha de modelar e tinta guache, que eram os materiais favoritos dos alunos.

Diante disso, foram desenvolvidos alguns procedimentos metodológicos (atividades diferenciadas) com o intuito de trabalhar as dificuldades encontradas de uma forma lúdica e prazerosa, como por exemplo, *The mime game*. É um jogo de cartas onde cada carta apresenta uma imagem, que deverá ser simbolizada por movimento ou som. Cada aluno retirava uma carta e realização a ação de acordo com o que era solicitado na carta, o outro educando deveria formar uma frase oralmente sobre a ação executada pelo colega. Em seguida, os alunos invertiam as posições para que ambos pudessem participar das duas formas. Outra atividade muito importante foi a de escrita com massa de modelar, onde os alunos deveriam escrever o nome do objeto apresentado em *flashcard* pela professora. Essa atividade proporcionou trabalhar com eles a atenção, a escrita e a concentração nas atividades.

Para que eles se desenvolvessem na produção textual, foi proposta uma atividade de escrita em quadrinhos. Nessa produção foi escolhido o tema *My Family*, no qual cada aluno deveria criar uma história que envolve sua família. A história foi criada inicialmente em sala, em uma folha A4. Quando finalizada, as crianças recriaram a história no computador através do site www.storyboardthat.com/pt. Nesse site foi possível criar cenários e personagens, tornando a produção mais significativa.

Essas atividades foram feitas a fim de minimizar as dificuldades de leitura e escrita dos alunos. Dessa forma, para (CHALITA, 2001, p. 59), “a escola do presente deve formar seres humanos com capacidade de entender e intervir no mundo em que vivem”. O autor afirma que a aprendizagem deve ser libertadora, versátil, crítica e que permita ao educando autonomia no processo educativo. Portanto, estas estratégias contribuíram para um avanço significativo na aprendizagem dos alunos que participaram da pesquisa-intervenção.

Todo o processo e seus dados foram registrados. Com o registro e a documentação, é possível contar o vivido, os limites e as possibilidades, respeitando e ouvindo as crianças. Com esses registros foi possível observar a evolução dos alunos com relação à escrita e à leitura, como também perceber a melhor forma pela qual os alunos aprendem, seja através de desenhos, imagens, atividades práticas com objetos reais, oralidade ou escrita. Esse olhar proporcionou à pesquisadora a possibilidade de elaborar estratégias que melhor auxiliassem os alunos no processo de aprendizagem de uma nova língua.



Registrar e documentar ajudou-nos a reafirmar a visão positiva e potente da criança, uma vez que evidenciou os resultados da intervenção cujo objetivo era proporcionar-lhes melhores condições de aprendizagem.

A aprendizagem acontece como resultado das tentativas que o ser humano faz para satisfazer seus motivos internos. Nessa perspectiva, para Rossini (2003, p. 62), “toda aprendizagem só é autêntica quando se incorpora à nossa vida”. Nota-se, então, que aprender é modificar comportamentos. Segundo Antunes (2002, p. 15), “a aprendizagem pode ser definida como uma mudança relativamente permanente no comportamento que resulta da experiência”. Contudo, as dificuldades na aprendizagem escolar são definidas como problemas que interferem no domínio de habilidades escolares básicas envolvendo alunos que não conseguem aprender da mesma forma que outros, apesar de não terem o intelectual afetado.

Assim, a intervenção pedagógica proposta como método de pesquisa e estudo de caso partiu do princípio de que todas as crianças têm capacidades de aprender no seu ritmo próprio. Neste contexto, Perrenoud (2002, p. 11) afirma “[...] que o professor em seu trabalho deve criar situações que estimulem a capacidade de raciocínio de seus alunos, utilizando métodos alternativos para facilitar e desenvolver o conhecimento”. Portanto, a motivação tem papel importante para que a aprendizagem aconteça, e cabe ao educador o papel de mediador nesse processo, estimulando o aluno construir o conhecimento de forma prazerosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi desenvolvido com a finalidade de identificar quais eram as principais dificuldades de dois alunos disléxicos com 11 e 12 anos de idade, com relação à língua inglesa, bem como quais seriam as melhores estratégias de intervenção aplicadas em contexto escolar aos alunos com esta dificuldade específica de aprendizagem. Teve-se como pressuposto a noção de que o educador é um mediador entre o aluno e o novo idioma.

De acordo com os resultados obtidos, verificou-se que os alunos, apesar de apresentarem laudo de dislexia, se desenvolveram bem durante as aulas, demonstrando entusiasmo durante as atividades e jogos propostos. Constatou-se que os alunos ficaram mais envolvidos nas aulas, pois seus interesses foram trabalhados em cada atividade através dos assuntos propostos pela educadora-pesquisadora. Os jogos foram escolhidos pelas crianças e adaptados pela professora.

Com relação à escrita foi possível perceber que os alunos preferiam trabalhar com materiais concretos, de tamanho grande, como também materiais sensoriais.



É importante trazer as palavras de Nicoletta (2012). Para a autora, por mais difícil que seja a aprendizagem de uma língua estrangeira por parte do aluno com dislexia, é dever do professor documentar-se e levar a cabo tudo o que for possível. Até porque, nas salas de aula onde se verifique a presença de alunos com dislexia, a aplicação de estratégias diferentes que propiciem a sua aprendizagem pode revelar-se benéfica para toda a turma. O docente pode escolher uma metodologia inovadora ou adaptar as existentes, conforme as particularidades dos alunos que tem pela frente.

As aulas da pesquisa-intervenção foram pensadas nesse sentido, sendo os alunos expostos a uma grande variedade de material e ambientes. Foi possível perceber, também, que as atividades que envolviam jogos, realizadas ao ar livre, eram mais aceitas por parte dos dois alunos, e ambos se sentiram confortáveis realizando-as em um ambiente externo. Já as atividades que necessitavam de uma maior concentração para realizar a escrita eram melhor executadas em sala de aula, com poucos estímulos visuais e sonoros.

Por fim, a presente pesquisa mostrou que é possível tornar o estudo de uma língua estrangeira mais gratificante para o aluno com dislexia. É importante que o professor invista no aluno com dislexia para, assim, ter a confirmação de que aquele discente possui talentos e aptidões específicas que serão seguramente reconhecidas durante seu processo escolar.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **Novas Maneiras de ensinar, Novas formas de aprender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA (ABD). **O que é dislexia?** São Paulo, 19 set. 2016. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br/o-que-e-dislexia/>>. Acesso em: 16 ago. 2019.

CHALITA, G. **Educação: A solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.

DEHAENE, S. **Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler**; Porto Alegre: Penso, 2012. (traduzido por Leonor Scliar-Cabral, título original: Les neurones de la lecture), 374 pp.

DOLZ, J.; GAGNON, R.; DECÂNDIO, F. R. **Produção Escrita e Dificuldades de Aprendizagem**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995(a)

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, mar./abr. 1995(b).

GUERREIRO, C. **Dois idiomas, uma criança**. São Paulo, set. 2011. Disponível em: <<https://www.revistaeducacao.com.br/dois-idiomas-uma-crianca/>>. Acesso em: 01 fev. 2019.



LANGE, C. Bilíngues têm vantagens no aprendizado. **Bilingual Education Institute**, Salto, 26 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.beibrasil.com.br/bilingues-tem-vantagens-no-aprendizado/>>. Acesso em: 16 ago. 2019.

NICOLETTA, D. **Enseñanza de las lenguas extranjeras a los niños disléxicos. Trabajos fin de Máster**, 2012. Disponível em: <<http://reunir.unir.net/handle/123456789/82>>. Acesso em: 01 jul. 2019.

PERRENOUND, P. **A Formação dos Professores no século XXI**. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 11-33.

PIAGET, J. The relation of affectivity to intelligence in the mental development of the child. In: **Bulletin of the Menninger Clinic**, v. 26, n. 3, 1962.

ROSSINI, M. A. S. **Aprender tem que ser gostoso...** Petrópolis: Vozes, 2003.

ROTTA, N. T.; PEDROSO, F. S. Transtorno da Linguagem escrita-dislexia. In: ROTTA, N. T.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. S. **Transtornos da Aprendizagem-Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 151-164.

VYGOTSKY, L. S; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/Universidade de São Paulo, 1998.

WODE, H. Percepción, producción y aprendibilidad de lenguas. In: BERCHE, M.P. **Adquisición de lenguas extranjeras: perspectivas actuales en Europa**. Madrid: Edelsa, 1998.